

## GESTÃO DO TÓPICO E RELEVÂNCIA CONVERSACIONAL NA INTERAÇÃO ENTRE AFÁSICOS E NÃO-AFÁSICOS, OU QUANDO UMA MÃO LAVA A OUTRA

EDWIGES MARIA MORATO  
(UNICAMP/CNPq)

**ABSTRACT** *This article analyses a conversational episode among aphasic and non-aphasic individuals in an inter-active situation. My purpose is to briefly contemplate two reflexive movements derived from the definition of aphasia as a metalinguistic problem or as a loss/alternation of linguistic competence: i) the first problem stands out processes of establishment and maintenance of discourse topic; ii) the second distinguishes that the co-occurrence of semiotic processes is essential both to the conversational relevance and to the discourse topic maintenance.*

### INTRODUÇÃO

Este artigo se pauta na análise de um curto e interessante episódio conversacional<sup>1</sup> envolvendo afásicos e não-afásicos em situação interativa. Afásicos, em breves palavras, são pessoas que apresentam alterações de linguagem (oral e/ou escrita) em decorrência de lesões cerebrais adquiridas. Não raramente acompanhadas por dificuldades neurocognitivas motoras, perceptivas ou gestuais, as alterações dos processos lingüísticos podem se dar em vários níveis e complexidades. Considerando que tradicionalmente nas afasias a alteração destes processos tem sido relacionada de uma forma ou de outra com a perda ou a alteração da metalinguagem ou da competência lingüística, não raramente os afásicos são referidos como aqueles que seriam incapazes de, entre outras atividades discursivas, estabelecer e manter o tópico discursivo, como também a orientação de atos enunciativos como a argumentação, a referenciação ou a relevância conversacional.

O objetivo deste artigo é contemplar brevemente dois movimentos reflexivos derivados da definição de afasia como um problema de metalinguagem ou como uma perda ou uma alteração da competência lingüística: i) o primeiro destaca determinados processos de estabelecimento, manutenção e gestão do tópico discursivo, de forma que se possa compreendê-lo não apenas como parte integrante da enunciação, mas como um verdadeiro ato enunciativo; ii) o segundo assinala que a co-ocorrência de semioses (verbais e não-verbais) é essencial tanto à relevância conversacional, quanto à manutenção do tópico discursivo, que depende por sua vez tanto da forma como é encaminhada a gestão do evento comunicativo ou da forma como se estrutura a interação, quanto da atenção, por parte dos participantes da interação, a essas semioses co-ocorrentes (fala, gesto, expressão corporal e facial, *etc.*).

---

<sup>1</sup>Este episódio foi transcrito e analisado por Cazelato e Donzeli, interessadas na interpretação e uso de expressões formulaicas por afásicos em situações espontâneas (Cazelato, S.E.O.; Donzeli, C. "As expressões formulaicas e afasia". (Morato *et al.*, 2005).

Ao salientarmos as relações entre semioses co-ocorrentes, relevância conversacional e tópico discursivo procuramos também chamar a atenção para as vantagens heurísticas da análise lingüístico-interacional para os estudos que relacionam linguagem e cognição. Se quisermos entender melhor a ação mesma em que se constitui a cognição (e não apenas como a interação produz cognição, por exemplo), não podemos deixar de considerar os variados processos (semiológicos) que vão, no fluxo da interação, sancionando os sentidos que vão intersubjetivamente sendo construídos. Frente às restrições impostas pelo comprometimento neurológico (em relação à fala, ao movimento corporal, à gestualidade, *etc.*), os sujeitos afásicos servem-se ainda mais incisivamente de toda uma estrutura inter-semiótica para dar conta da significação e da comunicação:

“Com isso, o olhar do investigador se lança, nos dados de sujeitos afásicos, por exemplo, não apenas em direção à identificação daqueles traços que seriam distintivos da patologia, mas também e principalmente em direção aos processos e práticas aventados pelos sujeitos para construir a significação – e não meramente para participar dela” (Morato, 2005).

O percurso lingüístico-interativo do estabelecimento e da manutenção do tópico discursivo assinala os movimentos expressivos e interpretativos dos sujeitos afásicos, colocando em cena recursos lingüísticos variados e a organização pragmaticamente circunstanciada de vários processos cognitivos, tal como a percepção e a praxia (importante para investir de sentido o olhar, a expressão facial, a postura corporal, a gestualidade), bem como o reconhecimento de implícitos relativos à manipulação de regras culturais que presidem a utilização da linguagem, os padrões comportamentais e os enquadres comunicativos. Tendo isso em vista, importa na reflexão aqui pretendida tomar a inserção do afásico na situação enunciativa e na gestão do tópico discursivo em sua relação com o não-afásico. Como salientamos anteriormente (Morato, 2005), se as estratégias interpretativas dos não-afásicos são aparentemente mais evidentes, os movimentos de sentido de afásicos são mais sutis, exigindo que observemos suas significações tanto no “fio do discurso” (Cf. François, 1993), quanto no que ocorre na organização seqüencial do episódio. Ou seja, a construção, a partilha e a identificação dos referentes não são passíveis de serem analisadas apenas na significação do afásico ou na de seus interlocutores. A propósito disso, afirma Cruz:

“Ainda que teoricamente talvez não encontremos controvérsias diante da afirmação de que a linguagem seja uma “ação mútua”, “ação de co-participantes”, “ação conjunta”, o que encontramos — seja na prática de análise da linguagem afásica, seja na prática terapêutica — é um estatuto diferenciado dado ao par afásico x não-afásico, como se a produção de um sujeito afásico pudesse ser categorizada e tipologizada independentemente do contexto e da ação com os demais participantes” (Cruz, In Morato et al. 2005).

## **ESTRUTURAÇÃO E GESTÃO DO TÓPICO DISCURSIVO**

Relacionada à estruturação da situação enunciativa (ou à conversação) e à construção interativo-discursiva da referência, a concepção de tópico que invocamos é aquela que se define como “*um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem*” (Jubran et al. 1992:361).

Ao lado da concernência e da pontualização, a relevância é um dos traços da centração, uma das propriedades do tópico, segundo Jubran *et al.* (1992) - sendo a outra propriedade a organicidade, perceptível na distribuição dos vários temas encontrados em uma dada conversação (os subtópicos). Em função do que vai interessar na análise de nosso dado e em nossa reflexão, vamos nos ater a esse primeiro traço definidor de tópico discursivo, a centração, essencial mesmo para o reconhecimento da topicalidade.

Segundo Jubran (2006), a centração abrange a “*relação de interdependência entre elementos textuais*” (concernência); a “*proeminência de elementos textuais na constituição do conjunto referencial, que são projetados como focais*”; a “*localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração e na proeminência de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais*” .

Na construção tópica, pelo menos na perspectiva textual-interativa, “*a função interacional conjuga-se com a referencial, de forma que as propriedades de concernência, relevância e pontualização da centração são sempre instituídas com finalidades interativas*”. Esse enfoque na natureza pragmático-textual do tópico leva-nos à consideração das condições interacionais de seu estabelecimento e manutenção. Como bem observa Jubran (*op.cit*), a compreensão do tópico discursivo não decorre exclusivamente do envolvimento colaborativo dos participantes de um ato conversacional. Contudo, este aspecto é central para compreendermos como a competência relativamente à linguagem e, portanto a metalinguagem – duas noções ativadas para o entendimento do fenômeno afásico, tanto quanto o são para a aquisição de linguagem – estão longe de serem subsumidas por uma faculdade mental (intuitiva, racional) interna e tributária do indivíduo. Antes, como procuraremos mostrar, são o que são em função das práticas discursivas, lingüístico-interacionais, e suas condições sócio-cognitivas de emergência e produção.

Se deslocarmos a noção de competência relativamente à linguagem enquanto faculdade para a entendermos como prática, nosso foco passa a ser as demandas situadas, compartilhadas e provisórias que a mobilizam, consolidam ou forjam, em meio às interações humanas, e em boa parte por causa delas. Veremos como pode ser a competência multifacetada, heurística e estratégica, dependente dos processos de significação que constituem e se constituem nas interações. Nesse contexto, as ações lingüísticas e cognitivas realizadas por afásicos surpreendem não porque se servem de processos outros que não a linguagem para dar conta da produção e da expressão da significação, mas porque é da linguagem mesma (e da reflexão sobre ela que toda interação potencialmente supõe e permite) que se criam condições de superar as limitações da afasia (das quais são recorrentes as dificuldades de acesso lexical ou de processamento lingüístico, bem como as alterações de ordem fonético-fonológica ou sintática).

A fim de ilustrar o que aqui se delimita como reflexão teórica, dois aspectos serão destacados na análise do episódio abaixo, extraído de uma situação interativa entre pessoas afásicas e não afásicas, na qual se destaca a atuação do sujeito EF, um senhor afásico cuja dificuldade de produção de fala é bastante acentuada: i) a forma de inserção de EF na situação, de forma a explicitar sua intervenção na construção colaborativa do tópico discursivo; ii) o condicionamento da manutenção do tópico na seqüência conversacional à presença de semioses co-ocorrentes na significação pretendida por EF.

**“UMA MÃO LAVA A OUTRA”: O DADO E A ANÁLISE**

Vejam os trechos transcritos abaixo, extraídos de uma atividade desenvolvida no dia 14/10/2004 no Centro de Convivência de Afásicos (CCA)<sup>2</sup>, um espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas que funciona nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A atividade na qual se constrói o episódio em foco consistia em evocar expressões formulaicas (provérbios e idiomatismos) a partir de um conjunto de figuras projetadas numa tela para todos do grupo. Tais figuras diziam respeito a cenas que exprimiam “literalmente” expressões formulaicas, como por exemplo “chutar o balde” (neste caso, a figura exibia um balde sendo chutado por alguém), “dar murro em ponta de faca” (neste caso, a figura exibia um punho cerrado à frente da ponta de uma faca), *etc.*

No trecho em questão, a figura que se apresenta ao grupo é uma mão que, portando uma escova, lava a outra mão. Participam desse trecho as pesquisadoras (não-afásicas) RN, HM e JC, bem como um senhor afásico, EF.

O que nos parece digno de nota no fragmento abaixo é a maneira como EF, que apresenta uma severa afasia de tipo expressivo (compatível com os quadros ditos graves de Afasia de Broca) se engaja e atua ativamente e de forma relevante na manutenção do tópico discursivo, chamando a atenção dos demais participantes da cena (não-afásicos) para detalhes que interferem na interpretação e na escolha de um provérbio correspondente à figura projetada na tela. Na realização desse seu *projeto de dizer*, importante não apenas para a manutenção do tópico, como também para a relevância conversacional, EF lança mão de recursos verbais e não verbais, a fim de assinalar uma direção interpretativa distinta à dos demais.

Inicialmente, RN e outros do grupo consideram que a figura na tela evocava a expressão idiomática “lavar as mãos”, mas no decorrer da ação interpretativa, e considerando melhor os detalhes da figura, chegam à conclusão de que a expressão correspondente à alusão que ali se fazia é “uma mão lava a outra”. Isso, entretanto, ocorre com o concurso de EF, que durante boa parte do trecho em destaque é ignorado pelos demais participantes da interação, que discutem entre si a respeito da expressão que melhor corresponderia à figura em questão.

Enquanto o grupo discutia entre si, EF procurava assinalar a inadequação da primeira opção evocada pelas pesquisadoras (“lavar as mãos”) primeiramente por meio de gestos e vocalizações, balançando a cabeça e esboçando um sorriso com ar de reprovação; posteriormente, por meio do desenho de uma escova. Mais precisamente, desde o momento em que as pesquisadoras e demais membros do grupo passam a conversar de forma entretida entre si a respeito da expressão idiomática correspondente à figura projetada na tela, EF procura chamar a atenção para um elemento de transitividade na cena, isto é, a escova, com o qual uma das mãos lavava a outra. EF, ato contínuo, alcança uma folha sobre a mesa em torno da qual estavam os demais membros do grupo e passa a desenhar uma escova. Com esse gesto e com esse seu desenho, EF procura neste momento assinalar a opção por uma outra expressão formulaica, também evocada pelo grupo, “uma mão lava a outra”.

---

<sup>2</sup> O CCA foi criado com o intuito de desmedicalizar o entendimento das afasias, de abrir possibilidades de estudos neurolinguísticos num contexto de práticas efetivas com a linguagem, além de estabelecer um espaço de reflexão entre pesquisadores e afásicos e seus familiares em torno dos impactos psico-sociais da afasia (do qual é fruto um livro de divulgação feito conjuntamente sobre as afasias e os afásicos, *Cf. Morato et al., 2002*). Disso resulta que nosso objetivo no CCA tem sido menos a normalização de formas linguísticas e mais a emergência dos atos de linguagem e de práticas discursivas que visam à significação e à comunicação.

Quando finalmente EF é observado mais atentamente por uma das pesquisadoras, JC, que chama a atenção dos demais sobre sua intervenção, percebe-se que ele procurava assinalar (com o destaque dado a um dos elementos da figura projetada na tela, a escova) a diferença de relevância de sentido entre as duas expressões formulaicas, “lavar as mãos” e “uma mão lava a outra”.

RN: esse eu tinha achado que era um...depois eu fiquei olhando os provérbios e vi que...

EF: ó...ó

\*—@\* ((gesto de uma mão lavando a outra))

RN: que que é seu EF?

((EF repete o gesto de uma mão lavando a outra))

RN: mas é...

((EF desenha algo numa folha))

HM: ah é **“uma mão lava a outra”**

RN: na verdade a gente tinha visto como “lavar as mãos”...mas aqui ((referindo-se à figura projetada)) é “Uma mão lava a outra”...

[HM: uma mão lava outra

RN: esse aqui tem a explicação

JC: tem?...que legal!

HM: assim...é uma mão só que tá lavando a outra

EF: é

JC: porque se fosse lavar as mãos...lavar as mãos é Pôncio Pilatos...

RN: é

HM: lavo as minhas mãos...”não tenho nada a ver com isso” ((faz um gesto com as duas mãos, abrindo-as frente ao corpo, como um gesto de “liberação” de responsabilidades))

RN: agora... **uma mão lava a outra**

((EF chama atenção do grupo para o seu desenho de uma escova))

RN: ah...por causa da escova...lógico....porque se fosse **uma mão lava a outra** ... ((olhando para o desenho feito por EF))

JC: ele desenhou uma escova ((JC comenta com os demais sobre o desenho de EF))

RN: porque se fosse **uma mão lava a outra** não teria a escova

HM: é verdade

JC: não...se fosse “lavar as mãos” ((corrigindo o lapso de RN))

RN: é...desculpe...se fosse “lavar as mãos” não teria a escova

HM: mas aqui tá bem assim ((faz o gesto de uma mão que lava a outra com ajuda de algum instrumento))

JC: bem explícito né?...e aqui a mão tá sequinha ((referindo-se à figura projetada na tela))...

O episódio acima instrui-nos a respeito de algumas coisas : EF imediatamente reconheceu a correspondência entre a figura projetada e o provérbio « Uma mão lava a outra », atentando ainda para as sutis diferenças entre o enunciado paremiológico e a expressão idiomática evocada pelos demais (« lavar as mãos »). Além disso, EF procurou assinalar sua escolha ou interpretação com o desenho de uma escova, objeto que aparece na figura e acentua sua argumentação em favor da expressão « Uma mão lava a outra ». Antes, durante e depois do desenho, EF procura participar da discussão e da gestão do tópico discursivo (a escolha da expressão formulaica correspondente à figura projetada na tela) de várias maneiras, com expressões interjectivas,

vocalizações, expressões faciais e gestos corporais (repetindo com uma pantomima o que indicava a figura projetada).

Logo no começo do fragmento, quando estão os participantes a discutir as possibilidades que se apresentam à figura projetada na tela, RN reage a uma intervenção de EF, dirigindo sua atenção a ele, passando-lhe o turno de fala por meio de uma pergunta: “*que que é seu EF?*”. Impossibilitado de construir a contento um enunciado, ele então procura repetir o gesto projetado na tela, isto é, o gesto de uma mão lavando a outra com o auxílio de uma escova, não logrando com isso muita coisa. Os demais participantes voltam a discutir entre si a respeito da interpretação da figura projetada na tela, e EF começa a desenhar algo. Uma escova, descobrir-se-á posteriormente. Contudo, é precisamente esse desenho de EF, e esse seu gesto interpretativo e colaborativo que serão capitais para a seleção do provérbio correspondente, em torno do qual todos os demais participantes desse episódio estarão reunidos.

Tendo sua contribuição inicialmente não acompanhada (e não observada) pelos demais participantes, EF colabora insistentemente com o desenvolvimento do tópico discursivo, engajando-se de forma relevante (no sentido que a pragmática conversacional dá a esse termo, Cf. Dascal, 1982 ; Sperber & Wilson, 1986), tanto em seu estabelecimento, quanto em sua progressão. Isso é finalmente reconhecido pelos demais, notadamente pela pesquisadora RN, ao se dar conta do desenho feito por EF : “*ah...por causa da escova...lógico...*” ; “*porque se fosse uma mão lava a outra não teria a escova*” (sendo aqui corrigida pela pesquisadora JC). Os diferentes movimentos de EF demonstram de forma exemplar seu engajamento e seu papel ativo na gestão do tópico discursivo. De forma pragmaticamente competente, o que inclui indicações de compreensão do material verbal exposto no fragmento em questão, ele explicita seu lugar na situação enunciativa por meio de recursos prosódicos, gestuais e pictóricos. Estando numa estrutura conversacional, organizou-se nela e colaborou para organizá-la, agregando informações e pontos de vista, assumindo e alternando turnos de fala e evocando regras pragmáticas de emprego da linguagem e de padrões comportamentais, coordenando suas ações com as ações alheias no decurso da interação.

## COMENTÁRIOS FINAIS

No fragmento acima é notável a maneira pela qual EF procura manter o tópico discursivo no qual se engaja por meio de recursos variados, prosódicos, gestuais e corporais. Durante todo o fragmento, ele mantém-se atento ao tópico, chamando a atenção dos demais sobre suas intervenções (o desenho da escova, as expressões corporais, a entonação). A co-ocorrência de semioses desempenha um papel fundamental na inserção de EF na interação, não apenas no tópico discursivo, e parece fundamental em sua manutenção, como se observa na distribuição de turnos de fala no curso do episódio após os momentos da contribuição de EF (primeiramente, o gesto relativo à cena enunciativa “uma mão lava a outra”; posteriormente, o desenho da escova, especulando um elemento presente na figura projetada na tela, reforçando a escolha pelo provérbio centralmente relevante e rejeitando a expressão idiomática considerada por todos ao fim e ao cabo como uma escolha apenas marginalmente relevante, “lavar as mãos”).

Ao destacarmos a maneira como se dá a gestão do tópico discursivo no fragmento acima e orientarmos nossa análise para os variados movimentos realizados pelos sujeitos em interação, pudemos salientar alguns processos de significação em jogo (verbais e não-verbais) no estabelecimento e na manutenção do tópico discursivo.

Não sendo o conjunto desses aspectos uma novidade entre os que trabalham sistematicamente com a noção de tópico discursivo como um problema teórico, os elementos trazidos aqui à cena, contudo, têm o intuito de assinalar o percurso sócio-cognitivo, mediado enunciativamente, da questão. A observação desses aspectos no contexto das patologias de linguagem chama a atenção não exatamente para o que aí falta ou se mostra “claudicante” em relação ao estabelecimento e à gestão do tópico discursivo, mas para os processos textuais e interativos que sócio-cognitivamente não deixam de constituir-lo: centração (concernência, pontualização e relevância) e organicidade. Com isso, abre-se a possibilidade de salientarmos pelo confronto (e não pela contrariedade) entre processos normais e patológicos de produção e compreensão de fala o caráter enunciativo-interativo da estruturação do tópico. Dele podem participar, como vimos, processos verbais e não-verbais de natureza e níveis variados, como fatos prosódicos e construções referenciadoras, como dêiticos gestuais e desenhos. Por vezes de forma mais estendida e por vezes de forma mais concisa em relação à unidade tópica e à relevância conversacional, tais processos emergem e se consolidam por demandas pragmático-discursivas que surgem no decurso da ação, em função dos pontos de vista dos que dela participam e em relação aos propósitos comunicativos. Ao se ocuparem estratégica e heurísticamente da significação, tomam para si várias funções (como reformulação, explicitação, exemplificação) na identificação, no estabelecimento e na gestão da unidade tópica, (re)orientando sua direção argumentativa, assinalando de forma reflexiva distintas percepções da significação, conferindo eficácia e reciprocidade à comunicação entre interlocutores assimétricos. Na verdade, os fatos patológicos, em função da falta, do excesso ou da disfunção de certos aspectos, nos ajudam a pensar em processos em geral amalgamados ou mascarados no discurso cotidiano.

Com respeito à noção de competência relativamente à linguagem, dados como o aqui apresentado mostram que também no campo patológico – ou precisamente aí – podemos elaborar de forma consistente uma explicação do tipo não internalista para ela, que parte das seguintes considerações: “(i) *há uma iniciativa racionalista em todo discurso sobre (ou que pressupõe) a competência, seja ela natural ou legitimada por mecanismos sociais; (ii) a idéia de competência como “prática” desvincula a idéia de competência à de “faculdade” (Cf. Ogien, 2001); (iii) a noção de competência evoca diferentes modalidades de exercício de diferentes capacidades, como afirma Ogien, 2001 (isto é, diz respeito a um “saber em uso” ; ou seja, a competência, tendo uma natureza pragmático-discursiva, como também é heurísticamente concebida pelos sujeitos nas situações enunciativas; (iv) se a competência é antes uma prática que uma faculdade, é porque a noção de prática imbrica atos de linguagem e ações sociais; (v) a postulação de uma competência para a linguagem, enquanto conhecimento, é parte integrante de um “discurso competente”, legítimo/legitimado sócio-politicamente (Cf. Chauí, 1989); (vi) se pensarmos no caráter avaliativo e regulador do termo, nada que seja considerado “natural” pode ser chamado de competência”; (vii) não sendo entendida como uma faculdade ou uma disposição mental, a competência pode ser analisada empiricamente” (Morato & Bentes, 2002).*

Com isso, não sendo a competência uma faculdade mental ou um atributo do indivíduo, e não sendo a competência uma ficção metateórica forjada idealmente (uma competência ideal, caudatária de uma mente ideal e exibida por um falante ideal em condições ideais de existência), sujeitos afásicos não deixam – em suas ações com linguagem – de atuarem de forma competente (Cf. Goodwin, 2004). Intitulado precisamente “*A Competent Speaker Who Can’t Speak: The Social Life of Aphasia*, Goodwin critica a concepção de competência extraída do modelo

## MORATO – Gestão do tópico e relevância conversacional...

fundador chomskiano, baseada na distinção competência *versus performance* (competência *versus* “incompetência”, como ironicamente assinala Hymes, 1984), restrita a processos lógico-ontológicos internos e reduzida à forma gramatical e individual da expressão verbal.

As práticas e/ou atividades desenvolvidas no CCA – por evocarem rotinas significativas da vida em sociedade - convocam ou exigem dos sujeitos – afásicos e não afásicos – diferentes aspectos da competência relativamente à linguagem (lingüísticos, pragmáticos, argumentativos, textuais, discursivos), co-existentes em relação a variadas formas de competências (procedimentais, sociais, comunicativas, profissionais, *etc.*); uma competência, pois, não reduzida ao lingüístico ou ao cognitivo *stricto sensu*, mas uma competência de linguagem que não é insensível à presença constitutiva de vários processos sócio-cognitivos inter-atuantes nas tarefas de produção e compreensão do sentido no decurso das interações (*Cf.* Mondada 2005, 2003 ; Marcuschi, 2003, Koch, 2004).

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aquí (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	AfaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... — dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito... — Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[ apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[ apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[ eu falava.. mas NS: [[ quatro ano.. deixa ( <i>indica que duas conversas ocorrem simultaneamente</i> )
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----→* ((aponta com o dedo))

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- DASCAL, M. (1982). Introdução – *Fundamentos Metológicos da Lingüística*. Dascal, M. (org.). Pragmática. Vol. IV. Campinas: Edição do Autor.
- FRANÇOIS, F. (1993). *Pratiques du l'oral*. Dialogue, jeu et variations des figures du sens. Paris: Nathan Pédagogie, 1993.
- GOODWIN, C. (2004). A Competent Speaker Who Can't Speak: The Social Life of Aphasia *Journal of Linguistic Anthropology* December 2004, Vol. 14, No. 2, pp. 151-170. University of California, Los Angeles
- HYMES, D. (1984). *Vers la compétence linguistique*. Paris: Hatier-Credif.
- JUBRAN, C.C.A.S. (2006). Revisitando a noção de tópico discursivo (neste número).
- JUBRAN, C.C.A.S. URBANO, H. *et al.* (1992). Organização tópica da conversação. In: Rodolfo Ilari (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, vol. II – Níveis de análise lingüística, pp. 357-439.
- KOCH, I.G.V. (2004). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto.
- MARCUSHI, L. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade cognitiva. Juiz de Fora, MG: *Veredas* 13: 43-62, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. & Salomão, M.M. (2004). Introdução. In: MUSSALIN & Bentes) *Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.
- MONDADA, L. (2005) la coordination de la parole-en-interaction et de l'inscription dans l'elaboration collective des topics, in Bouchard, R. Mondada, L. eds Un processus de la rédaction collaborative, Paris : Harmattan, 131-164.
- \_\_\_\_\_. (2003).Cognition et parole-en-interaction. *Veredas* (10): 131-39.
- MORATO, E.M. *et al.* (2005).Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP). Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, processo 03/02604-9.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Referenciação e subjetividade nas práticas de um Centro de Convivência de Afásicos e não-afásicos*. I Congresso Internacional Interação e Linguagem. UNISINOS. São Leopoldo (RS).
- MORATO, E.M.. *et al.*(2002). *Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos* elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas). Campinas: Unicamp.
- MORATO, E.M.. & Bentes. A. C. (2002). Das intervenções de Bourdieu no campo da lingüística: reflexões sobre competência e língua legítima. *Horizontes* 20: 31-48.
- RISSO, M.; JUBRAN, C.C.A S. (1998). O discurso auto-reflexivo: Processamento metadisursivo do texto. *DELTA* 14.
- SPERBER, D. & WILSON, D. (1986). *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Basil Blackwell.